

Acolhimento e racionalismo: os limites da história em *The Road*

Bolsista Lucas Demingos de Oliveira PIBIC-CNPQ
Orientador Rita Terezinha Schmidt

O presente trabalho propõe como corpus de análise o romance *The Road*, publicado em 2006 pelo autor estadunidense Cormac McCarthy e vencedor do prêmio Pulitzer na categoria Ficção em 2007. Através de uma reflexão crítica, articula-se o romance com o pensamento de ética de Emmanuel Levinas, o ensaio *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer e a ideia de não-lugar de Marc Augé.

O enredo do romance é centrado na jornada dos protagonistas, pai e filho, em direção ao sul e ao litoral norte-americano, onde acreditam ter maior chance de sobrevivência no inverno escatológico que se aproxima. Ambos protagonistas nunca são nomeados, suas falas não possuem marcação que as destaquem do corpo do romance ou que apontem o falante. (WARDE, 2011).

O ESPAÇO DO ROMANCE

A jornada dos protagonistas articula-se em um espaço/tempo de terra arrasada, onde existe apenas rastros de uma civilização humana. Não é explicado no romance o que houve com o planeta, sabe-se apenas que os relógios pararam e a Terra queimou. Esse espaço é hostil aos personagens, é fonte de medo e de constantes desafios. Vive-se no que Augé (2012) chama de um não-lugar: um cenário não-relacional, pois há uma impossibilidade de se relacionar com o lugar, os protagonistas estão sempre em deslocamento pois temem ser presas de canibais e nunca fixam-se em um lugar por mais que alguns dias. A interação com o lugar se dá na medida em que ele é seguro no momento; ahistórico, pois a história que o cenário apresenta foi interrompida - os relógios pararam, as estações não se manifestam para além de uma progressão do frio -, fixada em um passado que está destruído e narra apenas o mesmo: o que não pode ser recuperado, que o limite histórico foi ultrapassado. “Só tem que deixar acontecer.”. (AUGÉ, 2012, p.8).

MANIFESTAÇÕES E CONFRONTOS ÉTICOS

Nesse contexto, os protagonistas entram em contato com outros grupos de sobreviventes e, a partir desse contato, emerge um confronto entre diferentes configurações éticas. O objetivo do trabalho é considerar a figura do filho, guardião de uma ética fundada no face-a-face, um acolhimento incondicional (LEVINAS, 2005), em justaposição a outros grupos itinerantes cuja razão instrumentalizada desemboca no canibalismo, um meio violento justificado em nome de seu fim. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

O filho que estabelece relações interpessoais fundadas na ética de Lévinas, no face-a-face, na responsabilidade com o próximo, isto é, quando ele encara a face do Outro, estabelece uma relação baseada antes de qualquer coisa na responsabilidade com ele. A face do outro é reconhecida enquanto infinita e aceita dessa forma. O menino não vira o rosto para a face, o Outro. Isso é manifestado no romance em momentos cruciais, nos quais a possibilidade de não assumir essa responsabilidade é dada, inclusive incentivada pelo pai, mas o menino assume ou tenta assumir.

O menino quer ajudar o Outro, não importando-se com a escassez dos próprios suprimentos, com o passado ou a veracidade da história de Ely - um velho moribundo que encontram -, enquanto o pai não quer dividir o pouco que garante a sobrevivência atual deles.

Como se, desprovido de referenciais de uma antiga ordem, como se removidas todas camadas do verniz civilizador, o menino estabelece a relação mais crua, primordial, espontânea e anterior à razão: a relação face-a-face levinasiana. (LEVINAS, 1980).

Diametralmente oposto, tem-se os canibais, que viram o rosto e não assumem uma responsabilidade com o próximo, que se torna uma ferramenta, um meio para sobrevivência. Em *Dialética do Esclarecimento* (2006), Adorno e Horkheimer denunciam que através de uma suspeita às emoções, o mundo moderno mergulha em uma cientificação, que desemboca em um excesso de racionalidade e em uma insensibilidade: o nazismo e suas “barbáries” não foram frutos de uma irracionalidade e sim de uma racionalidade pensada exclusivamente nos fins.

Tendo esse pensamento em mente, observa-se que, pensando exclusivamente em sua sobrevivência, os grupos de canibais não apenas caçam humanos para alimento como se reproduzem para alimentar-se de sua prole, ainda possuem humanos em porões, amputados, em analogia a uma espécie de rebanho.

Embora trazido no romance como algo abominável para os protagonistas - canibalismo é um recurso que não estão dispostos a recorrer -, esse confronto existencial se coloca essencialmente por não compartilharem dos mesmos princípios éticos, porém não foge à denúncia dos perigos de um pensamento e racionalidade matemáticos, factual e imediato. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

O pai carrega o trauma humanista, conhece os perigos do racionalismo desenfreado pois vivenciou o mundo pré-fim. Conhece a história da humanidade, os males que o esclarecimento, a objetividade cega, o logocentrismo e o pensamento eurocêntrico impuseram ao longo dos últimos séculos.

Esse conhecimento situa-o como uma proteção para o filho, que por desconhecer esse rastro de possibilidades, coloca-se em risco. Dessa maneira, o pai serve como um ponto de equilíbrio entre uma responsabilidade messiânica, que poderia levar o menino à autodestruição, e uma lógica na qual tudo e todos são instrumentos para a sobrevivência.

O trauma do pai de ser destituído dos referenciais do mundo na qual vivia manifesta-se através de sonhos, os quais são frequentemente relacionados ao passado, ao que foi perdido, ao que não há mais. Seus sonhos variam entre pesadelos ominosos e rastros de uma civilização e rituais que não tem mais referentes no presente. (CARUTH, 1996).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das questões suscitadas pela narrativa é o que significa pensar além do humanismo e suas clássicas oposições e, nesse contexto, buscou-se discutir se o romance acena em direção à abertura (im)possível de uma nova ordem.

Oposições como eu e o outro, mente e corpo, sociedade e natureza, humano e animal, humanidade e animalidade são sistematicamente enfraquecidas, e por fim mesmo desfeitas ao longo do romance. O menino, através de uma existência e relações fundadas na responsabilidade com o Outro, do abandono de um esclarecimento vinculado ao racionalismo factual e matemático, mostra que é possível pensar além de tais oposições. Assim como os canibais, ao exporem até onde pode ir a barbárie legitimada em uma racionalidade.

O romance termina com o menino sendo resgatado por outro grupo itinerante, após a morte do pai. O grupo não possui relação consanguínea, mas assim como o menino, dá significado à vida - sinalizando uma vida que vale a pena ser vivida -, através de relações fundadas na responsabilidade com o Outro.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- AUGÉ, Marc. *Não Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 2012.
- CADAVA, Eduardo; CONNOR, Peter; NANCY, Jean-Luc. *Who Comes After the Subject?*. New York: Routledge, 1991.
- LEVINAS, Emmanuel. *Entre Nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- MCCARTHY, Cormac. *The Road*. London: Picador, 2010.
- WARDE, Anthony. ‘Whatever form you spoke of you were right’: Multivalence and ambiguous address in Cormac McCarthy’s *The Road*. In: *Language and Literature*, November 2011; vol. 20, 4: pp. 333-346. [UK]: Sage Publications, 2011.